

O campo elusivo dos estudos judaicos latino-americanos¹

BERNARDO SORJ

Professor titular de Sociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro e diretor do Centro Edelstein de Pesquisa Social

Traduzido do inglês por Susana Kanter

RESUMO Trata-se de uma resenha crítica de duas coletâneas de caráter multidisciplinar sobre estudos judaicos na América Latina, ambas publicadas em 2005. Considera-se, por um lado, que dificilmente se pode falar de um judaísmo latino-americano e, de outro, que grande parte dos estudos concentra-se em análises sobre o antissemitismo, deixando de lado temas como a dinâmica social das comunidades judaicas, suas instituições e estruturas internas de poder, as diferenças e encontros entre grupos conterrâneos, as correntes políticas e culturais entre os judeus, sua interação com outros grupos étnicos e as diásporas judaicas.

PALAVRAS-CHAVE Judaísmo latino-americano, estudos judaicos, judeus na América Latina.

ABSTRACT This work is a critical review of two collections of multidisciplinary approach concerning Jewish studies in Latin America, both published in 2005. It is considered, on one side, that one can hardly talk of a Latin American Judaism, and, on the other, that a great part of the studies are pondered on analysis about anti-Semitism, omitting such themes as social dynamics of the Jewish communities, their institutions and inside structures of power, the differences and encounterings among fellows, the political and cultural chains among Jews, their interaction with other ethnic groups and the Jewish diasporas.

KEYWORDS Latin-American judaism, Jewish studies, jews in Latin America.

PARA UM CIENTISTA SOCIAL, OS ESTUDOS JUDAICOS LATINO-AMERICANOS SÃO UM CAMPO minado. As tendências a louvores, discursos de vitimização, e o uso de autorrepresentações coletivas como ferramentas de análise torna impossível entrar no assunto sem temor. É claro, há algumas contribuições acadêmicas individuais valiosas. Mas a maioria dos encontros e publicações eruditas possui um ingrediente de autocelebração que interfere no exercício do pensamento crítico e na análise rigorosa conceptual e empírica.

Esses problemas são agravados por dois fatores. O primeiro é o forte caráter multidisciplinar dos estudos judaicos em geral. Isto por si só poderia ser uma vantagem, mas em termos práticos torna-se com frequência uma permissão para não-especialistas invadirem áreas cujas ferramentas básicas não dominam. O segundo fator, ligado à moda dos estudos culturais, é a sacralização das identidades coletivas e narrativas subjetivas. Com muita frequência, o apelo às emoções do leitor através da apresentação das experiências pessoais do autor substitui o esforço de fazer pontos à base de estudo sistemático.

Na verdade, há razões para questionarmos se é possível definir Estudos Judaicos Latino-Americanos como um campo acadêmico autossustentável. A maior parte da produção erudita sobre Estudos Judaicos Latino-Americanos corresponderia mais adequadamente a um campo de Estudos Latino-Americanos sobre o Antissemitismo. A literatura é escassa no que se refere a outros temas substantivos como a dinâmica social das comunidades

judaicas, suas instituições e estruturas internas de poder, as diferenças e encontros entre grupos contemporâneos, as correntes políticas e culturais entre os judeus, sua interação com outros grupos étnicos e as diásporas judaicas e, por último, mas não menos importante, a presença ativa do governo israelense e das organizações religiosas americanas.

Outra razão para termos dúvidas sobre a existência do campo é o fato de que a suposição de que exista algo como povo judeu latino-americano ou judaísmo latino-americano é apenas isto, uma suposição. Duvido que algum judeu na América Latina se defina como sendo parte de um povo judeu latino-americano ou afirme a existência de um judaísmo latino-americano. Os judeus se identificam, mais provavelmente, como judeus argentinos, judeus brasileiros, judeus cubanos, etc. Os únicos espaços institucionais em que o povo judeu ou o judaísmo latino-americano parecem existir são as organizações judaicas internacionais e a Associação Latino-Americana de Estudos Judaicos. É claro, ainda se poderia argumentar que, qualquer que seja a autodefinição dos atores, pode-se ainda estabelecer conexões analíticas mostrando que as comunidades judaicas latino-americanas partilham características comuns. Mas este é um tema a ser comprovado por pesquisa comparativa empírica e, até agora, a literatura existente é vastamente centrada nos países.

A coletânea de Marjorie Agosín *Memory, oblivion and Jewish culture in Latin America* (“Memória, esquecimento e cultura judaica na América Latina”) (AGOSÍN, 2005) ilustra a falta de ligações entre os países e a ausência de uma perspectiva latino-americana como um todo. Enquanto a editora afirma que o livro é sobre os judeus latino-americanos, as matérias são concentradas, em sua grande maioria, no México e na Argentina, excluindo completamente o povo judeu português, a experiência dos “cristãos novos” e o Brasil contemporâneo. Os

artigos não fazem referências comparadas entre os países. Por exemplo, um dos capítulos discute Zwi Migdal, a rede que explorava prostitutas judias na Argentina, sem mencionar suas ramificações no Brasil e perdendo a oportunidade de comparar as reações das comunidades judaicas nos dois países (no Brasil as prostitutas tiveram de estabelecer seu próprio cemitério e sinagoga, porque lhes foi negado o acesso às instituições oficiais). *The Jewish diaspora in Latin America and the Caribbean: fragments of memory*, de Kristin Ruggiero, também padeceu dessas falhas (RUGGIERO, 2005). A coletânea é muito concentrada nos judeus da Argentina (e com razão, já que é a comunidade que sofreu sérios ataques antissemitas nas últimas décadas). O único artigo no Brasil, ao qual retornarei a seguir, é de Jeffrey Lesser e concentra-se na década de 1940. Em nenhum dos dois livros encontramos um simples indício de estudo comparativo das diásporas judaicas latino-americanas.

O livro de Agosín compõe-se de uma série de ensaios, na maioria observações curtas, algumas das quais se pode dizer de padrão acadêmico. A introdução da editora é uma advertência sobre as ladainhas que minam o campo. Os judeus são um “povo sofrendor” (embora o povo judeu latino-americano seja em geral um caso de integração e mobilidade social ascendente bem-sucedido). As comunidades judaicas são “vibrantes” (este termo aparece nos dois livros sem sustentar evidência de argumentos, fazendo com que nos perguntemos se os autores estão tentando reafirmar a si próprios e aos leitores de que o assunto vale a pena). Há generalizações desordenadas como “As últimas décadas recentes testemunharam um aumento na discriminação contra eles...” (AGOSÍN, 2005, p. xiv) ou “As ditaduras recentes do Conesul contribuíram para o aumento da propaganda da teoria da conspiração ligando a presença judaica na América Latina ao sionismo e

à opressão ao povo palestino” (AGOSÍN, 2005, p. xv). E dizer que “A um certo grau, esta antologia coincide metaforicamente com o ‘debut’ público de uma cultura judaica latino-americana” (AGOSÍN, 2005, p. xxi) ignora a presença pública da cultura judaica dentro de cada país ao decorrer do século XX.

Deixarei de lado os artigos relacionados às artes e literatura, concentrando meus comentários nos trabalhos escritos por cientistas sociais. No geral, as peças de *memoir*, que são um componente principal do livro de Agosín, têm pouca densidade. Não são do tipo de resenhas biográficas nas quais as histórias dos indivíduos abrem janelas para rumos mais amplos, valores ou o “espírito de uma época”. Ao invés de personalidades ativamente engajadas nas vicissitudes de suas comunidades e sociedades, encontramos viagens-de-ego pós-modernas em que o “étnico” é usado como um ponto de partida para falar de experiências pessoais, psicológicas ou existenciais temperadas com *gefилte fish*. Na melhor das hipóteses, constituem matéria-prima etnográfica para a compreensão da vida de judeus pós-modernos cujas identidades quase não estão relacionadas às dimensões coletivas dos dilemas, esperanças e dramas de uma comunidade.

O livro de Agosín contém somente dois artigos que podem ser situados no terreno das ciências sociais. O texto “Remembering Sepharad” (COLLECHEA, 2005) não leva em consideração a vasta bibliografia sobre o assunto. Grande parte das explicações históricas reverte em questões como “ódio” e “fanatismo”, representando anacronismos como “somente sociedades pluralistas produzem cidadãos”, ao se referir à Espanha medieval. Muito mais completo é o capítulo de Rannan Rein sobre Igreja e Estado na Argentina entre 1944 e 1955 (REIN, 2005a), o qual oferece uma análise crítica das relações de Juan Perón com a Igreja Católica e os judeus. Rein mostra que a presidência de Pe-

rón não deve ser abordada como um bloco único, argumentando que, em seus últimos anos, Perón distanciou-se da Igreja e desenvolveu um discurso mais integrador para todas as minorias, incluindo os judeus. Oferece argumentos que sustentam a ideia de que a liderança da comunidade judaica estava certa em adotar uma atitude cautelosa em face da campanha agressiva da Igreja em impor a educação religiosa nas escolas públicas.

O livro de Ruggiero inclui diversos trabalhos interessantes para um cientista social. Infelizmente, no entanto, a introdução do mesmo reflete uma leitura bastante idiossincrática dos artigos. Referindo-se ao ataque de 1994 à AMIA ela argumenta que na Argentina “o desejo de não lembrar é tão forte que mesmo os judeus rejeitam a investigação do atentado” (RUGGIERO, 2005, p. 4). Mas isto não é o que demonstra o valioso artigo de Beatriz Gurevich (2005) sobre o atentado da AMIA. Ao invés de falar sobre uma dificuldade existencial de enfrentar a memória, Gurevich aponta para lutas de poder dentro da comunidade e a dificuldade dos interesses pessoais de alguns líderes de comunidades com o governo de Carlos Menem. Ruggiero também se refere às perseguições, torturas e assassinatos da ditadura argentina como “genocídio”. Enquanto, sem sombra de dúvida, foi uma ditadura criminosa, que impôs um sofrimento terrível, o uso do termo “genocídio” (se com a intenção de ser mais do que uma licença literária) é claramente inadequado.

A maioria dos artigos de cientistas sociais concentra-se sobre a Argentina, com três exceções. Um deles é o capítulo de William Miles (2005) sobre os judeus da Martinica, uma comunidade pequena sobre a qual pouco se conhece. Miles observa que os judeus não participam muito da cultura nova e híbrida da Martinica. Isto, entretanto, não é resultado de rejeição por parte dos gentios, alguns dos quais são na verdade solidários aos judeus e ao judaísmo.

De acordo com Miles, é a comunidade judaica vastamente sefardita que parece desinteressada e prefere manter distância, não apenas da cultura mais ampla da Martinica, mas também do grupo menor de judeus ashkenazitas e suas preocupações (como a lembrança do Holocausto).

O estudo de Jeffrey Lesser sobre a política de Getúlio Vargas em relação à imigração judaica não capta a riqueza e a complexidade da cultura brasileira. Ele explica a mudança na política de Vargas sobre a imigração judaica como o produto do sucesso dos líderes judeus brasileiros e das organizações judaicas internacionais em “transformar estereótipos negativos em positivos. Isto foi possível porque os estereótipos estavam desprovidos de conteúdo” (LESSER, 2005, p. 36). Como se os estereótipos dependessem de seu conteúdo ser verdadeiro e mudá-los dependesse do confronto de pessoas preconceituosas com os fatos reais. A mudança de política de Vargas esteve relacionada a uma sucessão de diversos fatores. O seu governo, apesar da influência de alguns políticos antissemitas e apesar do fato de ser uma ditadura repressiva, não quebrou os arraigados padrões da sociabilidade e da cultura política brasileiros, baseados no pragmatismo, negociação e cooptação. Em seus primeiros anos no poder, Vargas dispersou a Ação Integralista Brasileira profascista e sua política cultural baseou-se em um discurso integrador nacionalista similar ao de Perón da Argentina nos últimos anos de sua presidência. Com sua visão voltada para o avanço da industrialização brasileira, Vargas conseguiu manipular o interesse dos americanos em ter uma base no Atlântico Sul. O fato é que, na maioria dos países latino-americanos, os judeus e suas questões não ocupam lugar central nas agendas nacionais política ou cultural. As atitudes e orientações de um governo em relação aos judeus devem ser entendidas dentro do contexto das questões mais amplas da sociedade

e da cultura política do país em questão.

O artigo de Robert Levine (2005) sobre os judeus de Cuba é a peça mais original no livro de Ruggiero e um exemplo excelente de boa crítica erudita nessa área. O objetivo de Levine é desconstruir a versão “oficial” das memórias dos judeus de Cuba sobre sua comunidade antes e depois da revolução de 1959. Ele argumenta que, quando os desterrados falam sobre a demografia dos judeus cubanos, consideram apenas as pessoas que eram organicamente relacionadas às instituições da comunidade, deixando de lado um grupo importante de (na maioria ashkenazi) judeus que tinham uma orientação mais secular e/ou casaram-se com gentios e afastaram-se da comunidade. Se este grupo for levado em consideração, o número de judeus que permaneceram na ilha após a revolução cresce dos 10% “oficiais” para uma proporção muito maior, provavelmente de até 50%. De acordo com Levine, as memórias reconstituídas dos judeus exilados tendem a minimizar a sua marginalização social antes da revolução, o impacto negativo do governo estilomáfia de Batista sobre as suas atividades econômicas e a extensão do apoio dos judeus a Fidel Castro no primeiro estágio da revolução.

Voltando aos capítulos sobre a Argentina, Ranan Rein (2005b) revisa o período de 1960-1962, concentrando-se no impacto da captura de Adolf Eichmann e o surgimento da organização antissemita Tacuara. O texto de David Sheinin (2005) sobre a ditadura militar e os direitos humanos e o já mencionado trabalho de Beatriz Gurevich (2005) oferecem análises detalhadas que ajudam a compreender as discrepâncias internas dentro da comunidade judaica em relação à reação adequada ao atentado da AMIA. Realmente vale a pena ler esses textos. Uma questão surgida através dessa leitura tem a ver com os papéis das organizações judaicas americanas e o governo israelense. Pare-

ceria que há uma “divisão de trabalho” pela qual, usando os conceitos de Albert Hirschman (1973), as organizações judaicas americanas desempenham o papel da “voz” para os judeus argentinos, enquanto que Israel desempenha o papel de “saída”. As organizações judaicas americanas, às vezes mesmo contra a vontade dos líderes das comunidades locais, condenam publicamente as políticas antissemitas do governo da Argentina. Ao mesmo tempo, Israel é visto como o local para emigrar ou escapar; uma percepção que o governo israelense promove ativamente. Com relação a isto, uma das muitas questões sobre as quais é necessária muita pesquisa é o papel da Agência Judaica facilitadora da emigração (e do salvamento de vidas) de ativistas políticos perseguidos pelas ditaduras do Conesul.

A dificuldade em consolidar um corpo de pesquisa acadêmica sólida nos estudos sociais sobre os judeus da América Latina e, mais amplamente, na área de estudos sociais judaicos, requer uma explicação, principalmente quando se leva em consideração a abundância de cientistas sociais judeus. Sem dúvida, um fator importante é a forte presença patrocinadora das organizações da comunidade judaica e sua influência material e ideológica na opção de temas de pesquisa. Outro elemento importante relacionado é o isolamento das comunidades judaicas das outras minorias, o que tem origem na autorrepresentação da experiência judaica (particularmente após o Holocausto) como sendo excepcional e incomparável, e cuja principal consequência é a perda de uma perspectiva comparada muito necessária. Um terceiro fator é a tendência dos intelectuais judeus mais seculares e de mente aberta a se alienarem das comunidades judaicas, que eles frequentemente consideram de mentalidade estreita, provincianas e muito dominadas por lideranças conservadoras. Finalmente, não devemos esquecer que a vitalidade de uma área de estudo

social está sempre relacionada à vitalidade do objeto social em si. A relativa homogeneização social das comunidades judaicas nas últimas décadas, interagindo com outras tendências na sociedade em geral, despolitizou a experiência judaica, enfraquecendo o confronto de ideias e a busca de maiores compreensões críticas do que está acontecendo dentro das comunidades. No caso de estudos judaicos latino-americanos, esses fatores são compostos pelo pequeno peso demográfico das comunidades judaicas, a falta de centros de pesquisa relevantes dedicados aos estudos judaicos e os problemas sociais e políticos urgentes de nossas sociedades, onde estudar a dinâmica das identidades e comunidades judaicas não parece ter prioridade especial. Neste contexto, os estudos judaicos tornam-se uma ocupação secundária ou um campo colonizado por latino-americanistas estrangeiros cujas agendas de pesquisa respondem a seus ambientes acadêmicos, sensibilidades, considerações de carreira e prestígio, e possibilidades de campo de trabalho.

Eu gostaria de encerrar com uma observação mais otimista. Há uma nova geração de estudiosos judeus latino-americanos (infelizmente este campo de estudo não atrai muitos, se algum, pesquisadores não-judeus) que está sendo formada dentro de um ambiente intelectual mais favorável, nos quais estudos culturais, identidades, diásporas e migração estão se tornando parte da agenda principal das ciências sociais da América Latina. Como nunca antes, os mesmos têm oportunidades de fazer contribuições importantes para a compreensão de comunidades judaicas dentro do contexto da dinâmica social e cultural de suas sociedades mais amplas. Para serem bem-sucedidos, devem relacionar suas questões à tradição crítica latino-americana, transcendendo a ingênua celebração das identidades coletivas, a fim de investigarem as tensões (individuais e de grupo) entre interesses e solidariedades, o uso da identidade

como fonte de poder e as estruturas simbólicas e materiais (nacionais e internacionais) que sustentam as instituições comunitárias.

NOTA

1 Uma versão anterior deste artigo foi publicada no *Latin American and Caribbean Ethnic Studies*, v.2, n.2, outubro 2007. Ver Sorj (2007).

REFERÊNCIAS

- AGOSÍN, Marjorie (org.). *Memory, oblivion and Jewish culture in Latin America*. Austin: University of Texas Press, 2005.
- COLL-TELLECHEA, Reyes. "Remembering Sepharad" in AGOSÍN, Marjorie (org.). *Memory, oblivion and Jewish culture in Latin America*. Austin: University of Texas Press, 2005, p. 3-14.
- GUREVICH, Beatriz. "A critical analysis of two parallel discourses" in RUGGIERO, Kristin (org.). *The Jewish diaspora in Latin America and the Caribbean: fragments of memory*. Sussex: Sussex Academic Press, 2005, p. 86-111.
- HIRSCHMAN, Albert. *Saída, voz e lealdade*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- LESSER, Jeffrey. "Imagining otherness: the Jewish question in Brazil, 1930-1940" in RUGGIERO, Kristin (org.). *The Jewish diaspora in Latin America and the Caribbean: fragments of memory*. Sussex: Sussex Academic Press, 2005, p. 34-49.
- LEVINE, Robert M. "Identity and memories of Cuban Jews" in RUGGIERO, Kristin (org.). *The Jewish diaspora in Latin America and the Caribbean: fragments of memory*. Sussex: Sussex Academic Press, 2005, p. 115-123.
- MILES, William F. S. "Caribbean hybridity in Martinique" in RUGGIERO, Kristin (org.). *The Jewish diaspora in Latin America and the Caribbean: fragments of memory*. Sussex: Sussex Academic Press, 2005, p. 138-159.
- REIN, Raanan. "Nationalism, education and identity: Argentine Jews and catholic religious instruction, 1943-1955", in AGOSÍN, Marjorie (org.). *Memory, oblivion and Jewish culture in Latin America*. Austin: University of Texas Press, 2005a, p. 163-175.
- _____. "Argentine Jews and the accusation of 'dual loyalty', 1960-1962" in RUGGIERO, Kristin (org.). *The Jewish diaspora in Latin America and the Caribbean: fragments of memory*. Sussex: Sussex Academic Press, 2005b, p. 51-71.
- RUGGIERO, Kristin (org.). *The Jewish diaspora in Latin America and the Caribbean: fragments of memory*. Sussex: Sussex Academic Press, 2005.
- SHEININ, David. "Deconstructing anti-Semitism in Argentina" in RUGGIERO, Kristin (org.). *The Jewish diaspora in Latin America and the Caribbean: fragments of memory*. Sussex: Sussex Academic Press, 2005, p. 72-85.
- SORJ, Bernardo. "The elusive field of Jewish Latin American studies", *Latin American and Caribbean Ethnic Studies*, v.2, n.2, outubro 2007, p. 207-212.